

ANDRÉ – O APÓSTOLO DAS PEQUENAS COISAS

UM HOMEM QUE ATRAÍA AS PESSOAS

JOAO 1.40-42

Introdução

Não temos muitas informações sobre André, mas as poucas informações que temos mostram seu caráter perfeitamente. André é uma das personalidades mais atraentes do grupo dos apóstolos.

O nome de André significa *“varonil”* e parece ser uma descrição apropriada. É claro que o tipo de pesca com rede que ele e os outros realizavam exigia um bocado de força física e valentia! No entanto, André também possuía outras características relativas à varolinidade. **Era ousado, decidido e ponderado.** Não há nada de frágil ou melindroso nele. Ele era impulsionado por uma fervorosa paixão pela verdade e estava disposto a sujeitar-se às dificuldades e regras mais extremas a fim de alcançar esse objetivo.

Lembre-se de que quando Jesus encontrou-se com ele pela primeira vez, André era um homem devoto que havia se sujeitado aos discípulos de João Batista.

O Evangelho de João descreve o primeiro encontro de André com Jesus. Isso ocorreu no deserto, onde João Batista estava pregando o arrependimento e batizando os convertidos. O apóstolo João registra o episódio como uma testemunha ocular, pois tanto ele como André eram discípulos de João Batista. (O apóstolo João não se identifica pelo nome. Mantém-se anônimo em seu evangelho até o final. No entanto, a maneira como ele relata detalhes do encontro, dando-nos até a hora do dia, sugere que ele possuía informações de primeira mão sobre esse acontecimento. Fica evidente que ele era o outro discípulo mencionado no relato).

O encontro pessoal de André com Jesus ocorreu no dia depois do batizado de Jesus (João 1.29-34). André e João estavam ao lado de João Batista quando Jesus passou por eles e João Batista disse: *“Eis o Cordeiro de Deus”* (João 1.35,36). Imediatamente, os dois deixaram João Batista e passaram a seguir Jesus (João 1.37).

Era cerca de quatro da tarde (*“a hora décima”*, de acordo com João 1.39) quando encontraram Cristo. Seguiram-no até o lugar onde estava hospedado e passaram o resto do dia com ele. Uma vez que esse lugar ficava perto de João Batista no deserto, provavelmente tratava-se de uma casa alugada ou, possivelmente de um quarto numa hospedaria simples. No entanto, esses dois discípulos tiveram o privilégio de passar a tarde e a noite em comunhão particular com Jesus e partiram convencidos de que haviam achado o verdadeiro Messias. Eles encontraram, conheceram e começaram a ser ensinados por Jesus naquele mesmo dia. Assim, André e João tornaram-se os primeiros discípulos de Cristo.

André permaneceu toda a sua vida à sombra de seu irmão mais expansivo, Pedro. Ele chegou ao ponto de ser rotulado como o *“irmão de Simão Pedro”* (João 1.40). Era justamente isso que tornava-o tão útil. Sua disposição em ser um ator coadjuvante com frequência permitia que ele tivesse percepção de coisas que os outros discípulos apresentavam dificuldade em compreender. Assim, sempre que ele aparece em primeiro plano, o que pode ser visto é sua capacidade enigmática de encontrar imenso **valor em coisas pequenas e modestas.** André tinha a habilidade de trabalhar nos bastidores para atender as pessoas.

André foi o primeiro discípulo a seguir Jesus, no entanto ele não é mencionado em primeiro lugar em nenhuma lista dos doze. O primeiro sempre é Pedro. Talvez tenha sido sempre assim. Na escola, Pedro sabia responder a tudo. Nos esportes ele era o ídolo, sempre namorava as moças mais bonitas. Em seu negócio de pesca, tudo girava ao seu redor. Ele dava as ordens e André ficava nas sombras, fazendo seu servicinho de sempre. Quando André era apresentado a alguém a pessoa dizia: *“Qual mesmo é seu nome? Ah! Sim, você é o irmão de Pedro!”*

Não é fácil estar sempre tocando o segundo violino, tocá-lo a vida toda, dia após dia, semana após semana, mês após mês, em tudo, o tempo todo, sempre à sobra de um irmão ilustre.

Agora, André encontrara a Cristo. Pelo menos uma vez. Ele é o primeiro; por uma vez, ele é o astro. Se ele pudesse ter certeza de que tudo era apenas uma questão de má sorte, certeza que ele poderia ser o primeiro se as circunstâncias fossem diferentes, se tivesse certo de que o mundo estava contra ele, nunca teria convidado a Pedro, seu famoso irmão para encontrar com Jesus. Todavia, André não era rancoroso, nem amargurado, nem rabugento, nem cínico. Ele aprendera a tocar belíssimas melodias, em seu segundo violino.

1. ELE ENXERGAVA O VALOR DAS PESSOAS COMO INDIVÍDUOS

Em se tratando de lidar com pessoas, por exemplo, André apreciava plenamente o valor de uma única alma. Era conhecido por levar indivíduos e não multidões, a Jesus. Quase toda vez que o vemos nos relatos dos Evangelhos, ele está levando alguém a Jesus. André era muito bom nesse negócio de descobrir pessoas. A primeira coisa que ele fez depois de trocar o discipulado de João Batista pelo do *“Cordeiro de Deus”* foi procurar o irmão para lhe contar: *“Achamos o Messias”* (João 1.41). André providenciou a ponte que levaria a Cristo seu irmão mais falante, que o ofuscaria dali para frente.

Quando Jesus alimentou a multidão de 5.000 pessoas, foi André quem levou o menino até o Senhor e disse: *“Esta aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos”* (João 6.9).

João 12.20-22 fala de alguns gregos que procuraram Filipe, mas Filipe levou-os a André e deixou que André os apresentasse ao Mestre. *“Ora, entre os que subiram para adorar durante a festa, havia alguns gregos; estes, pois, se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e lhe rogaram: Senhor, queremos ver Jesus. Filipe foi dizê-lo a André, e André e Filipe o comunicaram a Jesus”* (João 12.20-22).

Era o domingo anterior à Páscoa, no começo da última semana de vida do Salvador. Jesus entrou em Jerusalém triunfante. Alguns gregos tinham vindo à cidade para a festa. Tinham ouvido falar de Jesus e queriam conhecê-lo. Dirigem-se a Filipe, um dos discípulos, mas este não sabe o que fazer. Talvez porque fosse naturalmente tímido, ou talvez não tivesse confiança suficiente em seu relacionamento com Cristo. Talvez Filipe tenha se atrapalhado e ficado confuso quanto ao protocolo correto. Ou ainda, é possível que Filipe não estivesse certo de Jesus desejava vê-los. De qualquer modo, Filipe sabia que André podia apresentar pessoas a Cristo.

André não ficava confuso quando alguém desejava ver Jesus. Ele simplesmente as levava ao Mestre. Ele entendia que Jesus iria querer encontrar-se com qualquer pessoa que desejasse conhecê-lo: *“Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim, e o que vem a mim, de modo nenhum lançarei fora”* (João 6.37).

André obviamente não perdia a compostura e nem sentia-se desconfortável em apresentar pessoas a Cristo pois ele o fazia com frequência. Ao que parece, ele conhecia bem a Jesus e não se sentia inseguro quanto a levar outros a ele. Em João 1.40-41, ele levou Pedro a Cristo, tornando-se assim, o primeiro missionário. Depois, levou os gregos a Cristo, fazendo dele o primeiro missionário internacional.

Uma coisa que tenho observado em todos os meus anos de ministério é que os aspectos mais importantes do evangelismo normalmente ocorrem com o indivíduo, a nível pessoal. A maior parte das pessoas não se aproxima de Cristo em resposta direta a um sermão que ouviu num lugar lotado. Elas vão até Cristo por causa da influência de um indivíduo.

Na grande maioria das pessoas que estão na igreja hoje, eles falam que chegaram a Cristo principalmente por causa do testemunho de um colega de trabalho, vizinho, parente ou amigo.

Não há dúvidas de que a maneira mais eficaz de levar pessoas a Cristo é conduzi-las uma a uma, de modo individual.

Tanto André quanto seu irmão Pedro possuíam um coração evangelista mas seus métodos eram completamente distintos. Pedro pregou no Pentecostes e quase três mil pessoas passaram a fazer parte da Igreja. Não há nada nas Escrituras indicando que André, em algum momento, tenha pregado para uma multidão ou movido grandes massas. Mas lembre-se de que foi ele quem levou Pedro a Cristo. De acordo com a providência soberana de Deus, o ato de fidelidade de André ao conduzir seu irmão a Cristo foi o ato individual que levou a conversão do homem que iria pregar o magnífico sermão de Pentecostes. Todos os frutos do ministério de Pedro são também em última análise, frutos do testemunho fiel e individual de André.

Muitas vezes é assim que Deus trabalha. Poucos já ouviram falar de Edward Kimball. Seu nome é uma nota de rodapé nos registros da história da igreja. Contudo, ele foi o professor da escola dominical que levou D. L. Moody a Cristo. Certa tarde, ele foi à loja de sapatos que Moody, na época com 19 anos de idade, trabalhava em Boston, encurralou-o num canto do depósito onde ficava o estoque e lhe falou de Cristo.

Kimball era a antítese do evangelista ousado. Ele era um homem tímido e de fala mansa. Foi até a loja de sapatos atemorizado, tremendo e sem saber ao certo se tinha coragem suficiente para confrontar aquele rapaz com o evangelho. No entanto, naquela mesma hora e naquele lugar, Moody entregou seu coração a Cristo.

É claro que D. L. Moody foi usado poderosamente pelo Senhor como evangelista tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra. Seu ministério teve um impacto enorme nos dois lados do Atlântico, ao longo de quase toda a segunda metade do século 19. Dezenas de milhares de pessoas testemunharam ter encontrado a Cristo por causa de seu ministério.

Quem levou a Cristo o grande reformador escocês John Knox? Foi um frade dominicano. Não sei o seu nome, mas sei o de Knox.

Qual era o nome daquele pastor substituto que pregou num dia nervoso, numa cidadezinha do interior da Inglaterra? Naquele dia ele levou a Cristo, o famoso Charles Spurgeon, o príncipe dos pregadores. Qual o seu nome? Não sei. Nós lembramos os Pedros, mas esquecemos os Andrés.

Ao que parece, era assim que André costumava evangelizar: um a um. Muitos pastores adorariam ver suas igrejas abarrotadas de pessoas com a mentalidade de André. Um número excessivamente grande de cristãos acha que pelo fato de não poderem falar diante de grupos ou por não terem dons de liderança, estão isentos da responsabilidade de evangelizar. Há poucos que, como André, compreendem o valor de cultivar a amizade com uma só pessoa e levá-la a Cristo.

O que ganha almas é sábio (Provérbios 11.30b).

Este é o único método existente para se salvar o mundo: com trabalho desses Andrés simpáticos e amigos, esses homens de um só talento.

Onde é que você está, André?

Há pessoas esperando para se encontrar com o seu Jesus.

2. ELE ENXERGAVA O VALOR DAS DÁDIVAS INSIGNIFICANTES

André, que tinha o dom de atrair pessoas, também era habilidoso em providenciar recursos que seu Mestre necessitava. Quando Jesus perguntou como os discípulos poderiam alimentar uma enorme multidão que se reunira para ouvir seus ensinamentos, André, o *“irmão de Simão Pedro”*, tomou a palavra: *“Aqui está um rapaz como cinco pães de cevada e dois peixinhos”* (João 6.8-9).

Jesus mandou que todas as pessoas se sentassem. Em seguida, agradeceu a Deus e começou a passar o alimento. Havia peixes e pães suficientes para satisfazer a fome da multidão e, ainda sobrou tanta coisa que foram necessários doze cestos para guardar. Pelo fato de André ter indicado que estava à disposição de Jesus, o Pai da Vida multiplicou um lanchinho minguado em um banquete para milhares de pessoas (João 6.10-13).

Algumas pessoas têm uma visão mais clara da situação geral simplesmente porque apreciam o valor das pequenas coisas. André encaixava-se nessa categoria. Isso fica claro no relato de João sobre o cinco mil que foram alimentados.

Que lição incrível! O fato de tão pouco ser usado para realizar tanto foi um testemunho do poder de Cristo. Nenhuma dádiva divina é insignificante nas mãos de Jesus.

André fez a melhor que pode. Identificou a única fonte de comida disponível e certificou-se de que Jesus soubesse dela. Algo dentro dele parecia entender que nenhuma dádiva é insignificante nas mãos de Jesus.

O próprio Senhor Jesus ensinou aos seus discípulos a mesma lição em Lucas 21.1-4: *“Estando Jesus a observar, viu os ricos lançarem suas ofertas no gazofilácio. Viu também certa viúva pobre lançar ali duas pequenas moedas; e disse: Verdadeiramente, vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento”*.

Em outras palavras, a pessoa pobre que dá tudo o que tem está dando uma oferta muito maior do que as pessoas ricas que contribuem com ofertas muito maiores, mas que são apenas parte de sua abundância. A capacidade que Deus tem de usar uma dádiva não é de forma alguma influenciada pelo tamanho dessa dádiva. E é a fidelidade sacrificial do ofertante, e não o tamanho da oferta, que serve como verdadeira medida de expressão de sua dádiva.

André parecia saber instintivamente que não estava desperdiçando o tempo de Jesus ao levar a ele uma oferta tão ínfima. Não é a grandeza de uma dádiva que conta, mas sim a grandeza de Deus a quem ela é ofertada: André preparou o caminho para o milagre.

É claro que, para servir a multidão, Jesus nem precisava do almoço daquele menino. Ela poderia ter criado alimento do nada com a mesma facilidade. No entanto, o modo como ele alimentou os cinco mil serve de ilustração para o modo como Deus sempre opera. Ele toma as dádivas sacrificais insignificantes de pessoas que contribuem fielmente e os multiplica de modo a realizar coisas monumentais.

3. ELE ENXERGAVA O VALOR DO SERVIÇO SECRETO

Algumas pessoas não querem participar da banda a menos que possam tocar o bumbo. Essa era a tendência de Tiago e João. Mas não era o caso de André. Em momento algum ele é citado como participante de grandes discussões. Estava mais preocupado em levar pessoas a Jesus do que com quem recebia o crédito ou quem estava no poder. Não almejava a honra. Nunca o ouvimos dizer qualquer coisa a menos que esteja relacionada a levar alguém a Jesus.

André é o retrato perfeito daqueles que trabalham em silêncio nos lugares humildes, *“não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus”* (Efésios 6.6). Ele não era uma coluna impressionante como Pedro, Tiago e João. Era uma pedra mais humilde. Era uma daquelas pessoas raras dispostas a ficar em segundo lugar e dar apoio. Ele não se importava de ficar escondido, desde que o trabalho estivesse sendo realizado.

Jesus ensinou aos discípulos, *“se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos”* (Marcos 9.35). É preciso um tipo especial de pessoa para ser um líder com um coração de servo. André era assim.

Um relato diz que André levou a Cristo a esposa de um governador provincial romano, enfurecendo seu marido. Ele exigiu que sua esposa renunciasse sua devoção a Jesus Cristo e ela se recusou. Então, o governador ordenou que André fosse crucificado.

De acordo com as ordens do governador, aqueles que o crucificaram amarraram-no à cruz em vez de pregá-lo a fim de prolongar seu sofrimento (Diz a tradição que tratava-se de uma cruz em forma de X). Conforme a maioria dos relatos, ele ficou pendurado na cruz durante dois dias, exortando aqueles que passavam por ele a buscarem a salvação em Cristo. Depois de uma vida toda de ministério à sombra de seu irmão mais famoso (Pedro) e a serviço do Senhor, ele teve uma morte semelhante a de outros discípulos, permaneceu fiel e ainda procurando levar as pessoas a Cristo até o fim.

Ele foi desprezado? Não. Foi privilegiado. Foi o primeiro a ouvir que Jesus era o Cordeiro de Deus. Foi o primeiro a seguir a Cristo

Graças a Deus por pessoas como André. São elas que, trabalhando em silêncio, de modo fiel porém discreto, dando ofertas sacrificais ínfimas, alcançam as maiores realizações para o Senhor. Não recebem muito reconhecimento, mas também não é isso que buscam. Só querem ouvir o Senhor fazer, *“Fizeste um bom trabalho”*.

O legado de André é o exemplo que ele deixou para nos mostrar que em um ministério eficaz, muitas vezes são as pequenas coisas que contam – as pessoas como indivíduos, as dádivas insignificantes e o trabalho discreto. Deus se compraz de tais coisas pois *“pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus”* (1 Coríntios 1.27-29).

CONCLUSÃO E APLICAÇÕES

Aprendemos as seguintes preciosas lições com a vida de André

- **Ele enxergava o valor das pessoas como indivíduos.**
- **Ele enxergava o valor das dádivas insignificantes.**
- **Ele enxergava o valor do serviço secreto.**
- **Aprendemos que homens de um só talento são indispensáveis no Reino de Deus.**
- **Aprendemos que o evangelismo pessoal é o método mais eficiente.**
- **No plano de Deus, nada pode substituir o lugar de André.**
- **Deus precisa destes Andrés de um talento só.**
- **Nem todo mundo pode ser Pedro, mas todos podem ser André. Foi por isso que o Senhor chamou André.**

André serviu como um intermediário que conduzia as pessoas até Jesus. Ele levou seu irmão Pedro a Jesus, o Cristo. E novamente André, com a ajuda de Filipe, colocou os gregos tementes a Deus em contato com Jesus.

De certo modo, todos os crentes receberam a tarefa de levar outras pessoas a Jesus Cristo, que é a Luz do mundo. Quando Deus nos dá oportunidade de testemunhar dele e levar pessoas a Cristo, devemos pedir a ele que nos dê a estratégia correta e as palavras certas. Então, guiados pelo Espírito de Deus, seremos capazes de dar aos nossos ouvintes a oportunidade de ver Jesus.

Sermão pregado pelo Rev. Paulo Gérson Uliano, dia 18/09/2022, na Primeira Igreja Presbiteriana de Indaiatuba